

Uso indiscriminado de Ritalina® por estudantes de uma Faculdade do Sudoeste Goiano

Indiscriminate use of Ritalin® by students of a College Southwest Goiano

Uso indiscriminado de Ritalin® por estudiantes de un Colegio del Suroeste de Goiano

Recebido: 01/12/2022 | Revisado: 19/12/2022 | Aceitado: 22/12/2022 | Publicado: 25/12/2022

Mauriene Krauser Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8392-4449>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: mauryenekrauser@gmail.com

Karla Pereira Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6172-8861>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: karlinhaoliveira1999@gmail.com

Valéria Silva Peixoto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-8992-3669>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: valeriasilva@fampfaculdade.com.br

Euvani Oliveira Sobrinho Linhares

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9899-4725>
Faculdade Morgana Potrich, Brasil
E-mail: euvanioliveira@fampfaculdade.com.br

Resumo

A *Ritalina*® é um fármaco que age diretamente no Sistema Nervoso Central (SNC), indicado para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) em crianças e adultos, no entanto seu consumo tem aumentado no meio acadêmico, o que está diretamente relacionado com os benefícios psicoestimulantes que a substância garante. A medicação só deve ser utilizada sob orientação médica por ser de uso controlado, o qual pode ocasionar dependência e danos a longo prazo. **Objetivo:** Analisar o conhecimento dos estudantes de uma Faculdade do Sudoeste Goiano sobre o uso indiscriminado da *Ritalina*®. **Método:** Trata-se de uma pesquisa quantitativa, exploratória de campo, para analisar o conhecimento dos acadêmicos sobre o uso indiscriminado da *Ritalina*®. Foi aplicado um questionário contendo 20 perguntas aos acadêmicos dos cursos: Direito, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia em uma Faculdade do Sudoeste Goiano, através do GoogleForms por um link disponibilizado via Whatsapp. **Resultados:** Entre os dados mais relevantes, destacam-se que 15,3% (n=48) dos estudantes participantes afirmaram fazer o uso do medicamento, sendo que 75% (n=36) utilizam sem a prescrição do profissional com a finalidade de melhorar a concentração em vésperas de avaliações. **Conclusão:** O presente estudo demonstrou que o uso de *Ritalina* é mínimo em relação à quantidade de alunos participantes, sendo que os indivíduos que utilizam alegaram ser por indicação de amigos, evidenciando que os alunos recorrem ao fármaco como uma “pílula milagrosa”.

Palavras-chave: Metilfenidato; Acadêmicos; Automedicação.

Abstract

Ritalin® is a drug that acts directly on the Central Nervous System (CNS), it is indicated for the treatment of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) in children and adults, however its consumption has increased in the academic environment which is directly related to the psychostimulant benefits that the substance ensures. The medication should only be used under medical supervision because it is of controlled use, which can cause dependence and long-term damage. **Objective:** To analyze the knowledge of students at a college in the southwest of Goiás about the indiscriminate use of Ritalin®. **Method:** This is a quantitative, exploratory field research to analyze the students' knowledge about the indiscriminate use of Ritalin®. A questionnaire containing 20 questions was applied to the students of the following courses: Law, Nursing, Pharmacy, Physiotherapy, Medicine, Nutrition, Dentistry and Psychology in a College of the Southwest of Goiás, Brazil - through GoogleForms by a link available via WhatsApp. **Results:** Among the most relevant data, 15.3% (n=48) of the participating students affirmed the use of the drug, and 75% (n=36) used it without the prescription of the professional with the purpose of improving the concentration on the eve of evaluations. **Conclusion:** This study showed that the use of Ritalin is minimal in relation to the number of participating students, and the individuals who use it claimed to be by recommendation of friends. Evidencing that students resort to the drug as a "miracle pill".

Keywords: Methylphenidate; Academics; Self-medication.

Resumen

El Ritalin® es un fármaco que actúa directamente sobre el Sistema Nervioso Central (SNC), está indicado para el tratamiento del Trastorno por Déficit de Atención e Hiperactividad (TDAH) en niños y adultos, sin embargo su consumo se ha incrementado en el ámbito académico lo cual está directamente relacionado con los beneficios psicoestimulantes que la sustancia asegura. El medicamento sólo debe utilizarse bajo supervisión médica porque es de uso controlado, lo que puede causar dependencia y daños a largo plazo. **Objetivo:** Analizar el conocimiento de los estudiantes de una universidad del sudoeste de Goiás sobre el uso indiscriminado de Ritalin®. **Método:** Se trata de una investigación de campo cuantitativa y exploratoria para analizar el conocimiento de los estudiantes sobre el uso indiscriminado de Ritalin®. Se aplicó un cuestionario con 20 preguntas a los alumnos de los cursos de Derecho, Enfermería, Farmacia, Fisioterapia, Medicina, Nutrición, Odontología y Psicología de una Facultad del Sudoeste de Goiás, a través de GoogleForms mediante un enlace disponible vía WhatsApp. **Resultados:** Entre los datos más relevantes, se destaca que el 15,3% (n=48) de los estudiantes participantes afirmaron el uso del medicamento, y el 75% (n=36) lo utilizan sin la prescripción del profesional con el fin de mejorar la concentración en la víspera de las evaluaciones. **Conclusión:** Este estudio demostró que el uso de Ritalin es mínimo en relación con el número de estudiantes participantes, y los individuos que usan, afirmaron ser por indicación de amigos. Evidenciando que los estudiantes recurren a la droga como una "píldora milagrosa".

Palabras clave: Metilfenidato; Académicos; Automedicación.

1. Introdução

O metilfenidato, comercializado no Brasil como *Ritalina*®, é um estimulante do sistema Nervoso Central (SNC) e sua ação consiste em ampliar o nível de dopamina, que resulta na ativação do eixo-orbital-frontal-límbico, ocorrendo um aumento da concentração e atenção no indivíduo. Essas características fazem com que a substância seja uma das protagonistas no tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) (Tolentino & Netto, 2019).

De acordo com Carneiro *et al.* (2021), há indícios que registram um crescimento de consumo e comercialização do fármaco em âmbito global, isso está relacionado com o uso não terapêutico por pessoas sem o diagnóstico de (TDAH), para a obtenção de melhoria na capacidade cognitiva, concentração e diminuição de fadiga.

Conforme Silva *et al.* (2018), o metilfenidato faz parte da lista de medicamentos de notificação e retenção obrigatória A3; por ser uma substância psicotrópica, seu consumo no Brasil é acompanhado pelo Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) por meio de boletins epidemiológicos que servem para documentar e divulgar informações atualizadas sobre a situação de consumo do ativo.

Para Gomes *et al.* (2019), em uma análise entre os anos de 2007 a 2014, sobre a venda do metilfenidato, foi apresentado que a importação passou de 578kg em 2012 para 1820 kg em 2013, mais de 300% de aumento e no mês de agosto de 2014 houve um acréscimo de 775%. Esses números podem estar relacionados com o aumento de pacientes com (TDAH), erros de diagnóstico, prescrição indevida e uso para fins não terapêuticos, como aumentar o desempenho acadêmico.

Para Bernardes *et al.* (2020), a entrada dos estudantes no ensino superior no Brasil representa mudanças nos hábitos e na qualidade de vida desses jovens. Segundo Nasário *et al.* (2022), os acadêmicos da área da saúde possuem acesso e um vasto conhecimento acerca das diversas substâncias medicamentosas, o que influencia diretamente na automedicação. A organização mundial de saúde (OMS) preconiza que essa atividade possui riscos intrínsecos mesmo com o autocuidado da população, o uso não prescrito dos medicamentos pode provocar sérios riscos à saúde (Domingues *et al.*, 2017).

Segundo Souza *et al.* (2021), o uso de medicações não prescritas é instigado por aspectos socioeconômicos e fatores culturais. Essa prática pode estar associada ao grau de instrução dos acadêmicos. A divulgação e a propaganda influenciam no aumento do consumo da substância, tornando, assim, a automedicação mais frequente.

Conforme Schuindt *et al.* (2021), as consequências do uso indevido da *Ritalina*® são principalmente relacionadas com a saúde mental, como: ansiedade, síndrome do pânico, insônia, inapetência, ocasionando também problemas cardiovasculares como aumento da pressão arterial, alterações respiratórias e na frequência cardíaca. Este medicamento pode desenvolver o vício, e até mesmo dependência nos usuários que não possuem orientação médica (Nascimento *et al.*, 2019).

Dessa forma, os estudantes da Faculdade do Sudoeste Goiano dispõem de conhecimento sobre os riscos da automedicação? Conhecem os efeitos adversos da *Ritalina*®?

Esta pesquisa tem como finalidade analisar o conhecimento dos estudantes sobre o uso indiscriminado da *Ritalina*®.

2. Metodologia

A pesquisa possui caráter qualitativo, quantitativo e exploratório de campo (Pesce, 2022), sendo aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdades Integradas de Santa Fé do Sul - FISA/FUNEC com CAAE: 58360922.0.0000.5428. Desenvolvida na Faculdade Morgana Potrich – FAMP, após a aprovação da instituição, assinando o Termo de Anuência Institucional (TAI). O número de matriculados na instituição é de 1508 alunos; a amostra da pesquisa é de 306, de acordo com o cálculo amostral de 95% de precisão, mas, para uma margem de segurança, foram aplicados 314 questionários.

O questionário foi através do GoogleForms por um link disponibilizado via WhatsApp, com tempo de resposta de 10 a 20 minutos, contendo 20 perguntas. Foi destinado aos acadêmicos do primeiro ao décimo período aos cursos de Direito, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia. Dentre as perguntas, foram aplicadas de forma discursiva e dissertativa divididas em duas etapas: na primeira, com informações demográficas, incluindo idade, sexo, curso da graduação, período e informação sobre hábitos de vida como realização de atividades físicas, consumo de álcool e medicações; na segunda, se investigou quando começaram utilizar a substância, as motivações, efeitos adversos apresentados pelos acadêmicos, dentre outros.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2022. Fizeram parte do estudo os estudantes maiores de 18 anos com matrícula ativa nos cursos já citados e que estavam cursando entre o primeiro ao décimo período de graduação, foram excluídos do estudo universitários com vínculo em outra instituição e os que não tiveram o interesse de participar.

Após coletados os resultados, foram avaliados através do programa Microsoft Office Excel 2010. A análise descritiva foi obtida por meio de cálculos de porcentagem, média e mediana, demonstrado em forma de tabelas criadas no programa Microsoft Word 2010.

3. Resultados e Discussão

Entre os estudantes respondentes, obteve-se que 72% (n=226) têm idade entre 18 a 23 anos, 16,9% (n=53) entre 24 a 29 anos, 9,8% (n=31) entre 30 a 39 anos, 1% (n=3) entre 40 e 49 anos e apenas 0,3% (n=1) possui idade acima de 49 anos (Tabela 1). De acordo com Souza *et al.* (2021), em sua pesquisa desenvolvida na Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR), com 350 alunos, evidenciou que a faixa etária predominante entre os respondentes é de 24 a 28 anos, sendo um total 60,1% da amostra. Esses dados corroboram com o estudo de Galvão *et al.* (2021), ocorrida na Universidade de Ceuma, a Uni-CEUMA, com amostra constituída de 451 alunos de graduação de Enfermagem, Odontologia, Psicologia e Medicina e obteve que 53,7% dos respondentes tinham entre 21 e 25 anos.

Em relação ao gênero, o mais prevalente foi o feminino, com 73,9% (n=232), masculino 25,2% (n=79) e os que se consideram como outro gênero 0,9% (n=3) como mostra a (Tabela 1). Conforme a pesquisa de Sá *et al.* (2018,) da Faculdade Pernambucana de saúde (FPS), com 641 estudantes dos cursos de Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Nutrição e Medicina, consta que 82,37% são do sexo feminino enquanto 17,63% são gênero masculino (Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição dos acadêmicos por idade e gênero.

Idade	N	%
18 a 23 anos	226 alunos	72%
24 a 29 anos	53 alunos	16,9%
30 a 39 anos	31 alunos	9,8%
40 a 49 anos	3 alunos	1%
Acima de 49 anos	1 aluno	0,3%
Gênero	N	%
Feminino	232 alunos	73,9%
Masculino	79 alunos	25,2%
Outros	3 alunos	0,9%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

A (Tabela 2) demonstrou que o curso com maior participação no estudo foi o de Medicina 37,9% (n=119) seguido pelos cursos de Enfermagem 21,3% (n=67), Direito 15% (n=47), Odontologia 11,8% (n=37), Fisioterapia 8,9% (n=28), Psicologia 3,2% (n=10), Farmácia 1,2% (n=4) e Nutrição 0,6% (n=2). Para Paiva *et al.* (2020), em uma pesquisa realizada na Instituição de Ensino Superior Faculdade Pequeno Príncipe, da área da saúde, de Curitiba (PR), com 106 estudantes, demonstrou que os cursos mais participativos foram de Medicina com 39 alunos e de Enfermagem com 35 acadêmicos.

Em relação ao período da graduação, ficou evidente que 39,5% (n=124) dos acadêmicos cursam do 1º ao 3º período, 45,2% (n=142) do 4º ao 8º período, 15,3% (n=48) do 9º ao 10º período (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição dos acadêmicos por curso e período.

Curso	N	%
Medicina	119	37,9%
Enfermagem	67	21,3%
Direito	47	15%
Odontologia	37	11,8%
Fisioterapia	28	8,9%
Psicologia	10	3,2%
Farmácia	4	1,3%
Nutrição	2	0,6%
Período	N	%
1º ao 3º	124	39,5%
4º ao 8º	142	45,2%
9º ao 10º	48	15,3%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

Conforme demonstrado na (Tabela 3), 60,2% (n=189) dos acadêmicos respondentes alegam realizar atividades físicas e 39,8% (n=125) são sedentários. Em uma pesquisa elaborada por Araújo *et al.* (2019), com 172 alunos do 1º ao 6º ano do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, evidenciou que 68,1% dos entrevistados praticam esportes com frequência $\geq 2x$ na semana.

No que se refere ao consumo de álcool, 62,7% (n=197) dos alunos afirmam fazer o uso de bebida alcoólica e 37,3% (n=117) negaram o consumo (Tabela 3). Segundo Martinez *et al.* (2018), em um estudo efetuado na Faculdade de Medicina de Jundiá (CEP-FMJ) com 147 estudantes, constatou que 71,3% apresentam um consumo alcoólico de baixo risco, enquanto 21,7% demonstram risco acentuado no uso de bebidas alcoólicas. De acordo com Carvalho *et al.* (2020), em um estudo no Centro Universitário UNIFAGOC no Interior de Minas Gerais, desenvolvido com 231 universitários, 15,5 % (n=35) dos respondentes consomem bebidas alcoólicas com frequência, 51,9% (n=120) bebem às vezes e 32,9 (n=76) nunca ingeriram álcool.

Em relação ao tabaco, 84,7% (n=266) dos estudantes afirmam que não utilizam a substância e 15,3% (n=48) são

tabagistas (Tabela 3). Segundo Monteiro *et al.* (2018), através de um estudo efetuado na Instituição de Ensino Superior Privada do Distrito Federal - UDF, com 286 acadêmicos, evidenciou que 75,9% nunca utilizaram a substância, 5% fumam em festa e aos finais de semana e 3,8% já foram fumantes, porém cessaram o consumo. Os resultados são semelhantes à pesquisa de Fernandes *et al.* (2022) elaborada na Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes-SP, com 170 alunos, sendo que 13,4% fazem o uso do tabaco, 76,8% negam a prática e 9,6% utilizam às vezes.

Tabela 3 - Distribuição de acadêmicos em relação à realização de atividades físicas e utilização de álcool e tabaco.

Realiza atividades físicas	N	%
Sim	189	60,2%
Não	125	39,8%
Faz uso de álcool	N	%
Sim	197	62,7%
Não	117	37,3%
Faz uso de tabaco	N	%
Sim	48	15,3%
Não	266	84,7%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

No que se refere ao Transtorno de Ansiedade, 52,5% (n=165) dos respondentes não se consideram ansiosos, já 47,5% (n=149) alegam possuir essa doença mental (Tabela 4). Conforme uma pesquisa desenvolvida por Trindade *et al.* (2021) em uma instituição de Ensino Superior na cidade de Curitiba com 123 alunos do curso de Enfermagem, Odontologia e Psicologia, foi obtido um resultado em que 80,5% dos entrevistados declararam ter ansiedade. No entanto, ao realizar um comparativo com o trabalho de Munhoz *et al.* (2019), composta por uma amostra de 317 acadêmicos da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), observa-se um número reduzido de universitários que alegam ansiedade, tendo apenas 2,12%.

No que se diz respeito à utilização de medicação controlada, 81,8% (n=257) dos entrevistados não fazem o uso e 18,2% (n=57) afirmam fazer, de acordo com (Tabela 4). Esse resultado corrobora com Miranda *et al.* (2021) entre graduandos da área da saúde do município de Teresina-PI através de um questionário, com amostra de 472 respostas, demonstrando que 24,54% destes fazem o uso de ansiolíticos e antidepressivos. Coimbra *et al.* (2020), também em sua pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Rondonópolis com um total de 79 estudantes do curso de Enfermagem, mostrou que 16% dos acadêmicos utilizam ansiolíticos e/ou antidepressivos.

Tabela 4 - Quantidade de alunos que sofrem ansiedade e utilizam medicações.

Sofre Transtorno de Ansiedade	N	%
Sim	149	47,5%
Não	165	52,5%
Faz uso de medicação controlada	N	%
Sim	57	18,2%
Não	257	81,8%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

Quanto ao conhecimento da Ritalina®, podemos observar na (Tabela 5) que 82,8% (n=260) declaram ter informações sobre o medicamento e 17,2% (n=54) não possuem entendimento sobre o fármaco. Referente à recomendação da substância, 61,5% (n=193) acreditam que é para o tratamento de pessoas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), 7,3% (n=23) alegam ser para Distúrbio Crônico do Sono (Narcolepsia), 18,5% (n=58) afirmam que a finalidade é agir nas duas doenças já citadas e 12,7% (n=40) negam as opções anteriores, não conhecendo a indicação. Esses dados diferem da pesquisa elaborada por Rodrigues *et al.* (2021) em uma Universidade Federal de Minas Gerais com 696 estudantes, evidenciando que 96,7% dos participantes sabem a indicação do uso da Ritalina®.

Sobre os efeitos colaterais do fármaco, 63,4% (n=199) dos alunos afirmaram não saber as reações adversas do medicamento e 36,6% (n=115) têm ciência das intercorrências relacionadas à Ritalina® (Tabela 5).

Tabela 5 - Distribuição dos alunos quanto ao conhecimento do fármaco.

Já ouviu falar de Ritalina®	N	%
Sim	260	82,8%
Não	54	17,2%
Sabe a indicação da Ritalina®	N	%
TDAH	193	61,5%
Narcolepsia	23	7,3%
Todas as opções	58	18,5%
Nenhuma das opções	40	12,7%
Conhece os efeitos adversos da Ritalina®	N	%
Sim	115	36,6%
Não	199	63,4%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

No que se referem aos efeitos adversos da Ritalina®, os acadêmicos declararam ter informação sobre insônia 38,4% (n=43), ansiedade 27,7% (n=31), cefaleia 26,8% (n=30), taquicardia 26,8% (n=30), dependência 19,6% (n=22), Perca de apetite 19,6% (n=22), irritabilidade 13,4% (n=15), náuseas 8,9% (n=10), febre 8% (n=9), sudorese 7,1% (n=8), vertigem 6,3% (n=7), alucinações 5,4% (n=6), sonolência 4,5% (n=5), xerostomia 3,6% (n=4), agitação 3,6% (n=4), estresse 3,6% (n=4), dispneia 2,7% (n=3), alterações no humor 2,7% (n=3), ideações suicidas 2,7% (n=3), pânico 2,7% (n=3). Esse resultado demonstra que a maior parte dos estudantes conhece o medicamento e tem ciência dos efeitos colaterais do fármaco de acordo com (Tabela 6).

Tabela 6 - Efeitos adversos citados por acadêmicos.

Cite três efeitos adversos	N	%
Insônia	43	38,4%
Ansiedade	31	27,7%
Cefaléia	30	26,8%
Taquicardia	30	26,8%
Dependência	22	19,6%
Perca de apetite	22	19,6%
Irritabilidade	15	13,4%
Náuseas	10	8,9%
Febre	9	8%
Sudorese	8	7,1%
Vertigem	7	6,3%
Alucinações	6	5,4%
Sonolência	5	4,5%
Xerostomia	4	3,6%
Agitação	4	3,6%
Estresse	4	3,6%
Dispnéia	3	2,7%
Alterações no humor	3	2,7%
Ideações suicidas	3	2,7%
Pânico	3	2,7%

Descritores: n= total de respostas %: total de respostas em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

A prevalência de uso da Ritalina® entre os estudantes foi de 15,3% (n=48) e os alunos que não utilizam o fármaco 84,7% (n=266) segundo a (Tabela 7). Dados similares ao estudo de Nasário *et al.* (2022) com a participação de 243 acadêmicos do curso de Medicina em uma Universidade no Sul de Santa Catarina, constatou que 17,3% usam a substância ou já usaram em algum momento de sua vida, resultado que se assemelha à pesquisa elaborada por Morgan *et al.* (2017) tendo entrevistados 200 estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Furg(RS), em que 20% declaram ter feito o uso do princípio ativo em alguma ocasião. Já para Silva *et al.* (2018), em um questionário com total de 205 alunos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior de Goiânia, demonstrou que 15,6% dos jovens tomam a Ritalina®, dados equivalentes dos autores já citados.

A respeito do uso indiscriminado do fármaco, 25% (n=12) dos acadêmicos afirmam utilizar somente com prescrição médica, já 75% (n=36) dos estudantes usam o medicamento sem receituário (Tabela7). Resultados proporcionais à pesquisa feita por Bernardes *et al.* (2020) com 132 acadêmicos de Medicina da Universidade Federal de Jataí-GO, sendo que 90% dos universitários adquirem ou já adquiriram a medicação sem prescrição do profissional. Segundo Rosa *et al.* (2021), por meio de um estudo, desenvolvido com 122 alunos no Centro Universitário de Porto Velho, também no curso de Medicina, apontou que 58,6% dos entrevistados conseguem ter acesso à substância de forma ilícita.

Sobre as formas de obtenção da Ritalina®, 50% (n=24) dos entrevistados afirmam suceder por meio de amigos, 33,3% (n=16) declaram conseguir em farmácias e 16,7% (n=8) através da internet, dados apresentados na (Tabela 7). Referente à obtenção de substâncias psicoestimulantes, entre elas a Ritalina®, Alves *et al.* (2021) demonstrou em seu estudo realizado com total de 165 estudantes do curso de Enfermagem da Faculdade Particular de Vitória Espírito Santo, que

50 alunos utilizam ou já utilizaram as drogas estimulantes, desses, 36% conseguem a medicação por influência de amigos, 32% por conta própria, 16% com prescrição médica, 14% com colegas e conhecidos e 2% por meio de familiares. Foi possível constatar uma semelhança de resultados com a pesquisa efetuada por Silva e Caldeira (2020) com alunos dos cursos de Administração, Medicina, Ciências contábeis, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia e Direito da Faculdade Integradas do Norte de Minas Gerais - FUNORTE com análise de 280 questionários, em que 18,7% dos estudantes de Direito e 20,6% dos acadêmicos do curso de Medicina que usam psicoestimulantes adquirem com amigos.

Tabela 7 - Descrição sobre uso, prescrição e forma de adquirir a Ritalina® pelos alunos.

Faz o uso de Ritalina®	N	%
Sim	48	15,3%
Não	266	84,7%
Utiliza com prescrição	N	%
Sim	12	25%
Não	36	75%
Como adquire	N	%
Com amigos	24	50%
Farmácias	16	33,3%
Internet	8	16,7%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

Entre os estudantes que utilizam a Ritalina®, 58,3% (n=28) alegam usar para aumento de concentração, 27,1% (n=13) a fim de ficar mais tempo acordado e 14,6% (n=7) com intuito de melhorar o raciocínio (Tabela 8). Pires *et al.* (2018) corrobora com esses dados, em sua pesquisa executada com 278 alunos de Medicina do 1º ao 8º período da Faculdade Governador Ozanam Coelho (FAGOC) de Ubá-MG, demonstra que 23% dos discentes declararam usar a substância a fim de aperfeiçoar o desempenho acadêmico. Para Zandoná *et al.* (2020), através de uma análise efetuada com 265 acadêmicos de Medicina do primeiro ao sexto ano do Centro Universitário São Lucas (UNISL) em Porto Velho, Rondônia, os principais motivos apresentados pelos discentes para utilizar o metilfenidato e outros psicoestimulantes, foram: 57,7% rotina de estudos, 24,1% evolução da capacidade cognitiva, 21,8% compensação do sono, 11,6% redução de estresse, 6,7% curiosidade, 4,9% ampliação da sensação de prazer e 2,6% sociabilidade, evidenciando resultados divergentes dos estudos apresentados.

Em relação à frequência da utilização do fármaco (Tabela 8), 43,8% (n=21) utilizam em véspera de provas, 37,5% (n=18) fazem uso desde o início da graduação, 10,4% (n=5) a fim de estudar para concursos públicos, 8,3% (n=4) em prol de estágios, atividades e TCC. O estudo de Tolentino e Neto (2019) expõem dados semelhantes, elaborado com 298 alunos do 1º ao 10º período de Medicina da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) do Distrito Federal, demonstrou que 25,49% (n=13) declaram utilizar a Ritalina® constantemente.

A pesquisa demonstra que 58,3% (n=28) dos entrevistados confirmam não ter apresentado nenhum efeito adverso durante o uso do fármaco e 41,7% (n=20) dos estudantes alegam que sim, sofreram com reações adversas de acordo com a (Tabela 8).

Tabela 8 - Motivações, frequência e reações adversas após o consumo de Ritalina®.

Por qual motivo utiliza Ritalina®	N	%
Melhorar a concentração	28	58,3%
Para ficar mais tempo acordado	13	27,1%
Melhorar o raciocínio	7	14,6%
Com que frequência utiliza	N	%
Desde o começo da graduação	18	37,5%
Em véspera de provas	21	43,8%
Para estudo do concurso público	5	10,4%
Estágios trabalhos e TCC	4	8,3%
Já teve reações adversas	N	%
Sim	20	41,7%
Não	28	58,3%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

No que está relacionado aos efeitos adversos apresentados pelos acadêmicos foram citados: (Tabela 9) 18,18% (n=6) taquicardia, 18,18% (n=6) ansiedade, 15,17% (n=5) sudorese, 15,17% (n=5) cefaleia, 9,09% (n=3) irritabilidade, 6,06% (n=2) vertigem, 3,03% (n=1) insônia, 3,03% (n=1) alucinação, 3,03% (n=1) sudorese, 3,03% (n=1) alterações no humor, 3,03% (n=1) estresse e 3,03% (n=1) sonolência. Conforme a pesquisa de Conceição *et al.* (2019) composta por 40 acadêmicos matriculados no 4º período do curso de Enfermagem e Farmácia no Centro Universitário do Vale do Araguaia, demonstrou que 12,50% dos entrevistados tiveram efeitos adversos com o uso da Ritalina® e os mais comuns foram: cefaleia, irritabilidade, insônia e ansiedade e, mesmo com esses resultados, os estudantes continuaram utilizando o princípio ativo. Já na análise de Carneiro *et al.* (2021) ocorrida na PUC Goiás com 180 alunos de Medicina, os principais efeitos colaterais foram insônia (62,1%), taquicardia (58,6%), ansiedade (51,7%), alteração do apetite (51,7%), estresse (41,4%), tremores (41,4%), boca seca (34,5%) e abstinência (17,2%).

Tabela 9 - Distribuição sobre os efeitos adversos sentidos.

Efeitos adversos apresentados	N	%
Taquicardia	6	18,18%
Ansiedade	6	18,18%
Sudorese	5	15,17%
Cefaléia	5	15,17%
Irritabilidade	3	9,09%
Vertigem	2	6,06%
Insônia	1	3,03%
Alucinações	1	3,03%
Sudorese	1	3,03%
Alterações no humor	1	3,03%
Estresse	1	3,03%
Sonolência	1	3,03%

Descritores: n= total de efeitos %: total de efeitos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

Sobre o consumo de álcool durante o uso da Ritalina®, 68,8% (n=33) dos estudantes declaram cessar o uso ao longo do tratamento e 31,3% (n=15) afirmam não interromper, ingerindo a bebida alcoólica nesse período (Tabela 10).

Tabela 10 - Distribuição sobre o Consumo de Álcool enquanto utiliza a medicação.

Você deixa de utilizar álcool	N	%
Sim	33	68,8%
Não	15	31,3%

Descritores: n= total de alunos %: total de alunos em porcentagem. Fonte: Próprio autor.

4. Conclusão

O estudo demonstrou que grande parte dos acadêmicos se consideram ansiosos e possuem conhecimento sobre a indicação e efeitos adversos da Ritalina®. O índice de consumo é baixo em relação à quantidade de participantes da pesquisa, dessa forma, a medicação é utilizada em vésperas de avaliações e, mesmo apresentando reações adversas, os universitários permanecem consumindo.

Conclui-se com a pesquisa que a Ritalina® é usada devido à sobrecarga de estudos dos alunos, tornando-se um fator estressante para a saúde mental; seu uso está diretamente relacionado com o desejo de estimular as funções cognitivas, aumentando a atenção, minimizando o cansaço e estresse, para ter mais disposição em finalizar as atividades. Fica evidente que essa prática, na maioria das vezes, é sem a indicação médica, podendo prejudicar o usuário, acarretando efeitos colaterais como: tristeza, medo, angústia, mau humor, depressão, ansiedade e tendo risco de adquirir dependência e abstinência.

Almeja-se, com esses resultados, contribuir com novos debates acerca dessa temática, proporcionando informação para conscientização e prevenção da automedicação visto que esse princípio ativo pode trazer consequências psíquicas, fisiológicas e sociais. Por fim para trabalhos futuros, sugere-se a realização do questionário para identificar o uso indiscriminado da Ritalina® abordando também outros psicoestimulantes a fim de verificar o consumo durante a graduação.

Referências

- Alves, M. F., Aguiar, J. P., & Lamas, A. Z. (2021). Estudo do uso de psicoestimulantes por acadêmicos de Enfermagem. *Revista Recien- Revista Científica De Enfermagem*, 11(34), 287-295.
- Araújo, R. D. S., Milhomem, Y. D. O., Pereira, H. F. S., & Junior, J. L. R. D. S. (2019). Fatores Relacionados ao Consumo do Narguilé entre Estudantes de Medicina. Goiânia- GO. *J BrasPneumol*. 2019;45(5):e20180184.
- Bernardes, H. C., Costa, F. F., Wanderley, J. C., Farias, J. P., Liberato, L. S., & Villela, E. F. (2020). Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. *Braz. J. Hea. Rev., Curitiba*, 3(4), 8631-8643
- Carneiro, N. B. R., Gomes, D. A. S., & Borges S, L. L. (2021) Perfil de uso de metilfenidato e correlatos entre estudantes de medicina. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(2), e5419.
- Carvalho, M. D. A., Coelho, F. A., & Oliveira, M. A. C. D. A. (2020) Risco de Dependência de Álcool Entre Estudantes Universitários De Instituição de Ensino Superior Particular do Interior de Minas Gerais. *Revista Científica UNIFAGOC | Caderno Saúde* <https://revista.unifagoc.edu.br> ›
- Coimbra, M. B. P., Araujo, R. A. F. D., Lemos, P. D. L., Ribeiro, L. A., & Lisboa, H. C. F. (2020). Avaliação do Uso de Antidepressivos e Ansiolíticos Por Acadêmicos do Curso de Enfermagem. *Revista Univap online*. 27(53).
- Conceição, P. A., Freitas, Q. B., Delmondes, P. H., & Borges, S. A. M. (2019). Uso da Ritalina no melhoramento acadêmico nos cursos de Enfermagem e Farmácia. *Revista eletrônica interdisciplinar de Barra de Garças. Barra de Garças – MT*.11(1), 124-131.
- Domingues, P. H., Galvão, T. F., Andrade, K., Araújo, P. C., Silva, M. T., & Pereira, MG (2017). Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 26, 319-330. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000200009>
- Fernandes, L. S., Souza, G. F., Deveze, M. E., Cunha R. F., & Cintra, R. B. (2022) Conhecimento Sobre Tabagismo entre universitários das áreas de humanidades, exatas e saúde. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do conhecimento*. 08, 29-61.

- Galvão, A. P. F. C., Barbosa, C. M. L., Aragão, F. B. A., & Uchida, R. R. (2021). Estudantes universitário: fatores que contribuem para o consumo de substâncias psicoativas. *Research, Society and Development*, 10(3), e26110312846
- Gomes, V. S. (2020). Frequência do uso de metilfenidato no Brasil: uma revisão sistemática com meta-análise (*Doctoral dissertation, Instituto Nacional de Cardiologia*). Ds/Space/ManakinRepository <http://localhost:8080/handle/374/141>.
- Martínez, G., Escãno, H. C., Sousa, M. H. D., & Pinto, C. A. L. (2018). Impacto do Etanol e o Consumo de Café na Qualidade do Sono de Acadêmicos de Medicina. *RevMed (São Paulo)*. 97(3):267-72.
- Miranda, C. C. D. S., Lima, H. R. S., Alves, N. V. D. S., Sousa, L. L. D. A., Sousa, K. K. D. S., Camapum, T. R. T., Santos, B. D. S. D. O., Santos, G. V. B. D., Pereira, N. D. A., & Gonçalves. R. J. S. (2021). O uso de ansiolíticos e antidepressivos entre graduandos da área da Saúde de Teresina-PI: Uma Pesquisa de Opinião. *Revista de Casos e Consultoria* 12(1), e24679,2021.
- Monteiro, L. Z., Varella, A. R., Carneiro, M. L. A., Alves, L. R., Góis, R. F. G., & Lima, T. B. (2018) Uso de Tabaco e Álcool Entre Acadêmicos da Saúde. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 31(1), 1-9, 2018
- Morgan, H. L., Petry, A. F., Licks, P. A. K., Ballester, A. O., Teixeira, K. N., & Dumith, S. C (2017). Consumo de Estimulantes Cerebrais por Estudantes de Medicina de uma Universidade do Extremo Sul do Brasil: Prevalência, Motivação e Efeitos Percebidos. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(1), 102-109.
- Munhoz, P. G., Borges, G. R., Stoelben, J. C., & Petry, J. F., (2019) O efeito da ansiedade sobre o desempenho acadêmico de alunos e o desempenho profissional de docentes e técnicos. *XIX Clóquio Internacional de Gestão Universitária* [287]
- Nasário, B. R., & Matos, M. P. P (2022). Uso Não Prescrito de Metilfenidato e Desempenho Acadêmico de Estudantes de Medicina. *Psicologia. Psicol. ciênc. prof.* ; 42: e235853, 2022
- Paiva, M. O., Lima, A. B. D., Vaz, R. S., & Granemann, P. (2020). Prevalência do Uso de Narguilé Entre Universitários da Área da Saúde. *RevMed (São Paulo)*. 2020 jul.-ago.;99(4):335-41.
- Pesce, M. K., Richter Voigt, J. M., & Rocha Zabbot Garcia, B. (2022). Abordagem qualitativa em pesquisas educacionais: uma perspectiva sócio-histórica. *Revista Intersaberes*, 17(40), 26–39. <https://doi.org/10.22169/revint.v17i40.2273>
- Pires, M. D. S., Dias, A. D. P., Pinto, D. C. L., Gonçalves, P. G., & Segheto, W., (2018). O Uso de Substância Psicoestimulantes Sem Prescrição Médica Por Estudantes Universitários. *Revista Científica Fagoc Saúde - Volume III*.
- Rodrigues, L. A., Viana, N. A. O., Belo, V. S., Gama, C. A. P., & Guimarães D. A. (2021) Uso não prescrito de metilfenidato por estudantes de uma universidade brasileira: fatores associados, conhecimentos, motivações e percepções. *Cad. saúde colet.*, (Rio J.) ; 29(4): 463-473
- Rosa, A. F., Maldaner, A. C., Feitosa, A. L., Medeiros, G. R. C., Brandão, I. A. B., Silva, J. P., Mesquita, N. R., Silva, K. N., Albuquerque, S., & Junior, A. G. B. (2021) O uso de Metilfenidato (Ritalina®) por estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Porto Velho. *Revista Eletrônica Acervo*. 13(4).
- Sá, R. S., Calado, M. E. G., Miranda, M. N., Azevedo, D. L. D., Barbosa, L. N. F., & Pinheiro, D. (2019). Uso de Substâncias Psicoestimulantes por Estudantes Universitários. *Repositório institucional – Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)* <http://tcc.fps.local:80/handle/fpsrepo/563>.
- Schuind, A. A. P., Menezes, V. A., Abreu, C. R. C. (2021). As Consequências do uso da Ritalina sem Prescrição Médica. *Revista Coleta Científica*, 5(10), 28–39.
- Silva, C. O., Pires, C. D., Pessoa, M. T. S., Khouri, A. G., Santos, S. O., & Souza, A. P. S (2018). Padrão de Consumo do Metilfenidato em uma Instituição de Ensino Superior. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research – BJSCR* 24(1),45-51
- Silva, L. S., & Caldeira, T. B (2020). O uso de psicoestimulantes do tipo metilfenidato de uma instituição superior de ensino de Minas Gerais. *Revista de Medicina e Saúde de Brasília* 2020; 9(2):234-261.
- Sousa, L. M. A., Pinto, N. B., & Ribeiro, R. K. R (2019). Medicalização no ensino superior: o uso indiscriminado de anfetaminas por estudantes do curso de medicina. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*. 2. 10.24219/rpi.v2i2.0.320.
- Souza, M. S. P., de Lima Almeida, R. L. M., Amorim, A. T., & dos Santos, T. A. (2021). Uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes do curso de farmácia em uma instituição privada e uma pública do interior da Bahia. *Research, Society and Development*, 10(8), e29610817177. <https://doi.org/10.33448/RSD-V10I8.17177>
- Tolentino, J. E. de F., & Netto, J. P. da S. (2020). O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. *Comunicação Em Ciências Da Saúde*, 30(01).
- Trindade, T. T. P., Watanabe, A., & Burci, L. M. (2021). Ansiedade Entre Acadêmicos de Enfermagem Odontologia e Psicologia de Uma Instituição de Ensino Superior. *Visão Acadêmica, Curitiba*, 22(4), <http://dx.doi.org/10.5380/acd.v22i4.83284>.
- Zandoná, I., Silva A. de C. R., Cavatti M. M., Aguiar J. V. M., Andrade K. T., Soares C. F., Tavares M. G., & Sousa C. M. de. (2020). Uso de psicoestimulante por acadêmicos de medicina em instituição de ensino superior na Amazônia Ocidental. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (48), e3476.